



O AMANTE DE LADY CHATTERLEY E O EROTISMO NA SOCIEDADE VITORIANA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Gabriel Valença Rios¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo trabalhar o erotismo na obra *O Amante de Lady Chatterley* de D. H. Lawrence, relacionado-a com os resquícios da mentalidade vitoriana que ainda vigorava na sociedade européia no início do século XX. Entendo por “vitoriano”, pelo ponto de vista de Muchembled, como uma consciência coletiva de um conjunto de regras e normas pesa sobre as populações inglesas e francesas², surgindo na segunda metade do século XVIII, porém mais desenvolvido no Século XIX, este artigo procurará abranger como a passagem entre os oitocentos para os novecentos operou nas representações dessa mentalidade vitoriana, não para o seu esquecimento ou decadência, mas para reformulações e adaptações desses ideais moralistas que marcaram a mentalidade da Europa Ocidental. Partindo das premissas da História da Sexualidade, bem como da História das Mentalidades, a obra de D. H. Lawrence será analisada a partir da maneira como o seu discurso elaborou estratégia para burlar essa moral vigente e ao mesmo tempo promover, ao lado do controle e da repressão impostos pela mentalidade vitoriana, formas excêntricas de prazer, num fluxo narrativo em que discussões moralistas estão intrinsecamente ligadas ao inconsciente e ao cotidiano das personagens da obra.

Palavras-Chaves: Sexualidade, Mentalidade Vitoriana, Comportamento, Controle Social, Moral

ABSTRACT

This article aims to work in the erotic book *Lady Chatterley's Lover* D. H. Lawrence, relating it with the remnants of the Victorian mindset that still existed in European society at the beginning of the twentieth century. By "Victorian," the point of view Muchembled as a collective consciousness of a set of rules and weighs about the British and French populations, appearing in the second half of the eighteenth century, but more developed in the nineteenth century, this article will try cover as the gateway between eight hundred to nine hundred operated in Victorian representations of this mentality, not forgetting his or decay, but for reformulations and adaptations of these moral ideals that marked the mentality of Western Europe. Starting from the premises of the History of Sexuality, as well as the history of mentalities, the work of D. H. Lawrence will be analyzed from the way his speech elaborated strategy to circumvent this moral force and at the same time promoting, next to the control and repression imposed by the Victorian mindset, eccentric forms of pleasure, in a narrative flow that moral arguments are intrinsically linked to the unconscious and the daily lives of the characters work.

Key Words: Sexuality, Victorian Mind, Behavior, Social Control, Moral

O início do século XX mostrou-se como um dos mais conturbados da História. Em menos de cinquenta anos duas grandes guerras mundiais assolaram o planeta, embora a

¹ Graduando em História pela Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte. gvalenarios@gmail.com

² MUCHEMBLE, Robert. *O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias*. Tradução Monica Stahel. São Paulo: wmfmartinsfontes, 2007. pag. 211.



primeira tenha causado mais impacto do que a segunda. David Hebert Lawrence bem explicita isso logo no começo de *O Amante de Lady Chatterley*: *Vivemos numa idade essencialmente trágica; por isso nos recusamos a vivê-la como tal. O grande desastre aconteceu; achamo-nos entre ruínas, forçados a reconstruir novos habitats, a criar de novo pequeninas esperanças*³. Como diz Hobsbawm, “Paz” significava “antes de 1914”: *depois disso veio algo que não merecia mais esse nome.*⁴

De acordo com Luís André Nepomuceno e Edilene Ferreira Ramos, *a iminência da Primeira Guerra Mundial provocou a perda de velhas crenças e a dissolução do antigo condicionamento, devido à sobre excitação e à sensação de perigo*⁵. No que diz respeito a essa colocação de que a guerra “provocou a perdas velhas crenças”, talvez o termo correto não devesse ser “perda”, e sim reformulações e adaptações de certos ideais moralistas que marcaram a mentalidade da Europa Ocidental, sobretudo França e Inglaterra, daqueles que viveram no século XIX, tanto que o começo do século XX foi marcado por fortes reações contra o relaxamento e o questionamento do tradicionalismo⁶.

De acordo com o *Dicionário de Conceitos Históricos*, *uma sociedade é uma combinação de instituições, modos de relação formas de organização, normas etc., que constitui um todo inter-relacionado no qual vive determinada população humana*⁷. Esse organismo para se manter, pelo ponto de vista de alguns autores, cria certos mecanismos de autopropagação⁸, que assegura sua continuidade no tempo: *reprodução sexual, diferenciação de papéis sociais (cabendo aos indivíduos papéis específicos), comunicação, concepção comum de mundo e dos objetivos da sociedade, normas que regulam a vida, formas de socialização e de controle dos comportamentos tidos como desviantes*⁹.

Esse último aspecto bem caracteriza as sociedades europeias do século XIX, sobretudo a inglesa e francesa, que são tidas como sociedades vitorianas. Por “vitoriano”, pelo ponto de

³ LAWRENCE, D.H. *O Amante de Lady Chatterley*. Tradução de Jorge Luis Penha. São Paulo: Martin Claret, 2006. Pag.27

⁴ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Pag. 30.

⁵ NEPOMUCENO, Luís André & RAMOS, Edilene Ferreira. **Literatura e Psicanálise: a sensibilidade burguesa na Inglaterra modernista.** Disponível em: http://www.unipam.edu.br/perquirere/images/stories/2010/Literatura_e_Psicanalise.pdf

⁶ NEPOMUCENO, Luís André & RAMOS, Edilene Ferreira. **Literatura e Psicanálise: a sensibilidade burguesa na Inglaterra modernista.** Disponível em: http://www.unipam.edu.br/perquirere/images/stories/2010/Literatura_e_Psicanalise.pdf

⁷ SILVA & SILVA. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2005. pag. 382.

⁸ Idem

⁹ Idem.

vista de Muchembled, entende-se o *estado de espírito cujas regras e normas pesam sobre o conjunto de populações inglesas e francesas*¹⁰, que vem trazer uma mensagem de moderação, de economia, de “administração dos instintos”, surgindo na segunda metade do século XVIII, porém mais desenvolvido no Século XIX. Foi nessa época que

(...) o conceito de polidez contribui prioritariamente para a promoção dessa nova sensibilidade. Lentamente, sub-repticiamente, a definição do Eu desloca-se para uma abordagem da personalidade orientada para o controle das pulsões, a tirania das aparências e uma divisão do mundo em dois espaços, privado e público. Em Paris e em Londres, que conhecem um crescimento espetacular, essas distinção opõe-se tanto à promiscuidade das “classes perigosas” quanto ao modelo aristocrático, pouco compartimentado e muito mais mundano. Entre iguais, a arte da conversação é também a da dissimulação das emoções. As “tribos burguesas protegem-se dos perigos da selva urbana por uma dupla barreira, decorrente do culto ao lar e do autocontrole individual”¹¹

Esse “autocontrole individual” corresponde àquilo que Durkheim chamou de *regulação moral* que a sociedade exerce sobre os indivíduos, como uma maneira de controlar os comportamentos tidos como desviantes¹². Alain Corbin afirma que o século XIX elabora e em seguida impõe uma estratégia de aparência, onde o pudor e a vergonha regem os comportamentos das pessoas¹³, que resulta na percepção de *corpo e do prazer baseado na contenção e na sobriedade*¹⁴, como diz Muchembled.

A partir desses ideais, a sociedade vai forjar *uma consciência e uma ordem moral coletivas*, que funcionou como um *mecanismo de autopropetuação*¹⁵, assegurando sua continuidade no novo século. Consciência essa que construía padrões de comportamento para homens e mulheres, que enaltecia a família e glorificava a união do matrimônio, que visava “à moderação, à probidade e à monogamia”¹⁶, tendo em vista uma profunda convicção de que a atividade sexual deveria ficar limitada ao casamento¹⁷.

¹⁰ MUCHEMBLED, Robert. **O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias**. Tradução Monica Stahel. São Paulo: wmfmartinsfontes, 2007. pag. 211.

¹¹ Idem. pag. 211-212.

¹² SILVA & SILVA. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2005. pag. 383..

¹³ CORBIN, Alain. *Bastidores*. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra** – vol. 4. Tradução de Denise Bottman e Bernardo Joffily. São Paulo: Cia das Letras, 2009. pag. 415 -418..

¹⁴ MUCHEMBLED, Robert. **O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias**. Tradução Monica Stahel. São Paulo: wmfmartinsfontes, 2007. pag. 212.

¹⁵ SILVA & SILVA. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2005. pag. 382-383..

¹⁶ MUCHEMBLED, Robert. **O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias**. Tradução Monica Stahel. São Paulo: wmfmartinsfontes, 2007. Pag. 214.

¹⁷ STEARNS, Peter N. **História da Sexualidade**. Tradução Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010. Pag. 160.

De acordo com Peter Stearns, *o decoro devia também permear a cultura pública, de modo que a sexualidade não fosse estimulada de maneira irresponsável e para que as vulgaridades sequer viessem a luz do dia*¹⁸. No entanto, Muchembled informa que “o bichinho está dentro da fruta”, pois as pessoas, sobretudo os homens, aderem a uma prática de duplicidade erótica, numa época em que nem mesmo a aristocracia fornece um modelo de moralidade, o burguês toma para si o conceito de moralidade, num sentido de superioridade em relação à aristocracia decadente e às partes mais respeitáveis classes trabalhadoras, partindo de um ideal que os distinguiu das classes inferiores e dos aristocratas.¹⁹

(...) E a necessidade essencial de se vigiar constantemente a fim demonstrar o comportamento esperado pelos outros que conduz ao desenvolvimento da consciência de si. As “tirantias da intimidade” levam, portanto, os membros das classes do século XIX a valorizar uma “cultura de personalidade” (...) ²⁰

Ou seja, o autocontrole não condiz apenas a uma *estratégia de adaptação a economia de pulsões*, mas também uma maneira de mostrar na realidade o domínio de um papel público sobre o privado. Mas também o desejo de conservação, o cuidado de proteger-se, *a permanente lembrança da ameaça do desejo* realizam aqui um neurótico encontro ²¹. De acordo Alain Corbin

Por trás desses termos ocultasse um duplo sentimento: de um lado, o medo de ver o Outro – o corpo – exprimir-se, de permitir que o animal ponha as manguinhas de fora; de outro, o temor de que o segredo íntimo seja violado pela indiscrição, o desejo atizado por todas as precauções destinadas a mascarar tamanho tesouro.²²

O discurso da repressão sexual na época vitoriana vai considerar a copula um delito, uma doença grave, que gera uma forte e secreta ansiedade ²³. A reprovação coletiva recai especialmente nas práticas solitárias, e o *horror suscitado pelas práticas sexuais solitárias*

¹⁸ Idem.

¹⁹ GAY, Peter. **A A experiência burguesa da rainha Vitoria a Freud: A Paixão Terna**. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Cia das Letras, 1988-1990. pag. 337; MUCHEMBLE, Robert. **O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias**. Tradução Monica Stahel. São Paulo: wmfmartinsfontes, 2007. pag. 212-213.

²⁰ Idem. pag. 215.

²¹ CORBIN, Alain. *Bastidores*. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra** – vol. 4. Tradução de Denise Bottman e Bernardo Joffily. São Paulo: Cia das Letras, 2009. pag. 416.

²² Idem. pags. 418-419.

²³ MUCHEMBLE, Robert. **O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias**. Tradução Monica Stahel. São Paulo: wmfmartinsfontes, 2007. pag.222.

constitui um precioso índice de ampliação da hipocrisia²⁴. Em suma, masturbação levava o “doente” a morte; a medicina foi uma das formas sutis de controle da sexualidade²⁵.

Mas as próprias práticas solitárias eram um resultado da repressão vitoriana. Além disso, como Muchembled, a pornografia e a freqüência prostitutas, a primeira limitada a um número reduzido de consumidores, a outra ampla e multiforme, constituíam duas das principais vias de libertação da angústia causada pelo pudor vitoriano.²⁶

Assim, não apenas esses ideais moralistas vão perdurar como também vai continuar a existir a sua hipocrisia: a aderência de uma vida sexual dupla que em geral se observava no *bom e honesto pai de família que à noite busca os deleites do amor venal*²⁷. Segundo Peter Gay, esses ideais vitorianos de comportamento são desejos. *São desejos purificados, metas que se tem em vista, afirmações de boas intenções.*²⁸

Dessa forma o século XX vai assistir não a um fim da era vitoriana, já que boa parte dessas tradições foi perpetuada por essas “consciência e ordem moral coletivas”. Se não fosse por isso livros como *O Amante de Lady Chatterley* não seriam proibidos até a década de 1960²⁹, por sua polemicidade discrições de relações sexuais e também por ataques ácidos às convicções morais vigentes da sociedade inglesa. Nesse sentido Peter Stearns ressalta que *por mais de um século, a noção de que os produtos culturais podiam afetar o comportamento e de que a respeitabilidade estava correndo risco influenciou profundamente os governos*³⁰, gerando assim censuras a obras como a de Lawrence, como também aconteceu com livros como *Madame Bovary*.

Dessa forma autores envolveram em suas críticas a sublimação do desejo de expressão, e esse desejo foi projetado em riquíssimas obras da literatura inglesa modernista³¹. Como diz Lucia Branco *tais discursos parecem ter se valido de uma elaborada estratégia para*

²⁴ CORBIN, Alain. *Bastidores*. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra** – vol. 4. Tradução de Denise Bottman e Bernardo Joffily. São Paulo: Cia das Letras, 2009. pag. 422.

²⁵ BRANCO, Lucia Castello. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004. pag. 48

²⁶ MUCHEMBLED, Robert. **O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias**. Tradução Monica Stahel. São Paulo: wmfmartinsfontes, 2007. pag.223.

²⁷ Idem Pag. 214.

²⁸ GAY, Peter **A experiência burguesa da rainha Vitoria a Freud: A Paixão Terna**. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Cia das Letras, 1988-1990. Pag. 361.

²⁹ STEARNS, Peter N. **História da Sexualidade**. Tradução Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010. Pag. 177.

³⁰ Idem. pag.162

³¹ NEPOMUCENO, Luís André & RAMOS, Edilene Ferreira. **Literatura e Psicanálise: a sensibilidade burguesa na Inglaterra modernista**. Disponível em: http://www.unipam.edu.br/perquirere/images/stories/2010/Literatura_e_Psicanalise.pdf



burlar a moral vigente e para promover, ao lado do controle e da repressão, formas um tanto excêntricas de prazer ³². Iniciavam-se então *técnicas narrativas pautadas pela psicanálise, o fluxo e consciência e as discussões morais* ³³. E nesse contexto se insere a obra de D. H. Lawrence, particularmente *O Amante de Lady Chatterley*.

A literatura de Lawrence apresenta fusão espiritual e sexual, com expansão consciente da vitalidade humana. O autor estabelece relação entre o rural e o industrializado, o intelectualizado e o primitivo, esta última o que mais se vê nas suas obras, em especial *O amante de Lady Chatterley*. Na referida obra um personagem representante da intelectualidade e elevação social busca em uma classe inferior sua realização sexual, para a pulsão ou desejo erótico a alteração de classe é indiferente, completamente nula ³⁴.

De acordo com o próprio Lawrence, citado por Sanders, a franqueza discursiva absoluta e crua “era a única verdadeira expressão poética numa era marcada pela fragmentação cultural imposta pela guerra e por uma desilusão que tornava obsoletas as antigas formas” (SANDERS, 2005, p. 695).

A obra narra a vida do casal Clifford e Constance Chatterley, que se muda a mansão Wragby, num distrito mineiro, logo após o acidente que Sir Clifford sofreu na guerra e o deixou paralisado, portanto impotente sexual. Em primeiro momento Constance opta pela castidade, dedicando-se exclusivamente ao marido e seu projeto de se tornar escritora. Por conta dessa sua ambição, ele começa a receber em sua casa um número infinito de pessoas em sua residência, sempre sendo apoiado por sua esposa. Mas aos poucos, ela começa a perceber que estava vivendo uma vida depressiva, vazia, até que Clifford lhe propõe que ela consiga um amante para si, até mesmo que engravide desse homem para que possa continuar sua linhagem. Mal sabia ele que ela tinha vivido um curto romance com um dos seus hóspedes passageiros, Michaelis.

Lady Chatterley adoece e vai tratar-se em Londres. Ao retornar a Wragby ela percebe que Clifford havia se acostumado à companhia da enfermeira contratada para cuidar dele na ausência da esposa; a enfermeira passa a exercer grande influência sobre ele, inclusive fazendo-o desistir da carreira de escritor, para administrar suas terras. Aos poucos Constance passa a não suportar o marido, e ela começa a passear na floresta encontrando-se com o guarda-caça da propriedade, Mellors. O guarda-caça de Clifford tenta, mas não consegue

³² BRANCO, Lucia Castello. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004. pag. 53.

³³ NEPOMUCENO, Luís André & RAMOS, Edilene Ferreira. **Literatura e Psicanálise: a sensibilidade burguesa na Inglaterra modernista**. Disponível em: http://www.unipam.edu.br/perquirere/images/stories/2010/Literatura_e_Psicanalise.pdf

³⁴ Idem.





evitar qualquer tipo de intimidade com a patroa. Em pouco tempo a senhora de Wragby e o empregado passam relacionar-se afetiva e sexualmente. O amor entre ambos rapidamente cresce em intensidade. É essa relação que realmente dá título à obra. Ela realmente se apaixona por ele também, por meio de quem ela engravida.

Por conta da gravidez, a Sra. Bolton, a enfermeira, começa a insinuar na vila que o filho pode não ser de Sir Clifford. Antes que o escândalo se forme, Lady Chatterley viaja com sua família para Veneza, sob o pretexto de engravidar de um amante para dar um herdeiro a seu marido; Clifford concorda expressamente com isso. Mellors a princípio não concorda com a simulação, mas acaba cedendo para manter as aparências, para que seu relacionamento com a patroa não seja descoberto.

Enquanto Constance está fora, a esposa de Mellors, que o havia abandonado como também sua pequena filha, retorna, disposta a retomar o casamento, mas é rejeitada por ele. O guarda-caça refugia-se na casa da mãe e Constance é informada por Clifford e pelo amante. Logo após esse incidente Mellors discute com Clifford e é despedido. Ele então se dirige a Londres para onde também vai Lady Chatterley; lá ela decide divorciar-se do marido, aquela relação com Clifford não a levaria a nada a não ser a infelicidade.

Ela retorna a Wragby e resolve pedir o divórcio para viver com Mellors; Sir Chatterley que até o momento não demonstrava nenhum interesse em saber com que a esposa mantinha um relacionamento ilegítimo (acreditava ser Duncan Forbes) até tenta insistir para que a esposa reconsidere e fica verdadeiramente horrorizado ao descobrir quem é o verdadeiro amante de sua mulher, demonstrado, ao final da obra, o quão vitoriano ele era por trás de todo aquele comportamento de homem moderno.

Em toda obra observa-se Lawrence defende que o instinto se revela superior às convenções. Aqueles que tentam burlar os instintos naturais do corpo e da vida, “negando suas energias naturais ou sexuais inconscientes” terminam por ocasionar terríveis desastres pessoais.³⁵

Logo no início da obra já se observa a primeira crítica de Lawrence à sociedade vitoriana: a liberdade feminina. Desde pequenas, Constance e a irmã Hilda viveram sob a mais absoluta liberdade; criaram-se entre artistas e socialistas. Em várias passagens dos

³⁵ NEPOMUCENO, Luís André & RAMOS, Edilene Ferreira. **Literatura e Psicanálise: a sensibilidade burguesa na Inglaterra modernista.** Disponível em: http://www.unipam.edu.br/perquirere/images/stories/2010/Literatura_e_Psicanalise.pdf





primeiros capítulos observa-se que dimensão dessa liberdade ia muito além da questão do conhecimento e da autonomia das vontades:

Percorriam a floresta com rapazes folgazões que levavam guitarras e cantavam as canções do dia. Eram livres. Livres! Eis a grande palavra. Soltas no mundo, soltas pelas florestas com magníficos rapagões, gozavam a liberdade de fazer o que lhes aprouvesse e, sobretudo, de dizer o que sentiam. Era essa conversa livre o que mais as encantava – essa libérrima troca de impressões. O amor entrava ali apenas como acompanhamento secundário.³⁶

Observa-se nesse trecho não apenas que Lawrence coloca o sexo acima do amor, no que diz respeito às relações dos jovens. Eis esta uma das principais preocupações dos vitorianos: o controle das pulsões dos jovens. Por meio dessa concepção moralista, como se já não bastasse os apaixonados terem lutar contra seus próprios desejos, seus impulsos (fruto das contradições psicológicas da juventude, que se passa na adolescência), mas ainda precisavam ser contra a presença reprovadora dos guardiões morais³⁷ dotados de fortes princípios: seus pais. Segundo Stearns, no geral, *a capacidade dos pais e das comunidades no que tangia a regulamentar e monitorar a atividade sexual declinou acentuadamente, em meio a um contexto de rápida mudança e deslocamento*³⁸, algo que o autor atesta ter observado também no final do século XVIII quando o vitorianismo dava seus primeiros passos. Para muitos jovens, a atividade sexual ganha ímpeto³⁹: é o que se observa em Conne e sua irmã.

As irmãs se iniciaram na vida sexual aos dezoito anos. É interessante observa que Lawrence vai trazer o novo papel da mulher na relação sexual: um papel ativo, o autor vai mostrar o homem como instrumento da mulher, *embora no começo as duas irmãs sucumbiram ao estranho poder do macho. Rapidamente, porém, reconquistaram-se; readquiriram a liberdade*⁴⁰. Em outro trecho, o autor vai afirma que

(...) a mulher pode ceder só na aparência, conservando-se livre e dona de si lá no íntimo. É este um ponto que os poetas e os sexualistas não levam na devida conta. Uma mulher pode receber a um homem sem dar-se-lhe, ou sem cair em seu poder – antes se utilizando do sexo para adquirir poder sobre ele. Durante a copula basta que se contenha, que o deixe chegar ao espasmo sem que com ela aconteça o mesmo – sem ela goze. De outro lado,

³⁶ LAWRENCE, D.H. **O Amante de Lady Chatterley**. Tradução de Jorge Luis Penha. São Paulo: Martin Claret, 2006. pag. 29.

³⁷ GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitoria a Freud: A Paixão Terna**. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Cia das Letras, 1988-1990. pag.361.

³⁸ STEARNS, Peter N. **História da Sexualidade**. Tradução Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010. pag.154.

³⁹ Idem.

⁴⁰ LAWRENCE, D.H. **O Amante de Lady Chatterley**. Tradução de Jorge Luis Penha. São Paulo: Martin Claret, 2006. pag. 30.



pode prolongar o coito e conseguir o seu espasmo sem que o homem seja outra coisa senão mero instrumento.⁴¹

E Constance vai fazer ser instrumento o seu primeiro amante, Michaelis, o dramaturgo inglês. É interessante que nesse momento o autor quando narra a relação sexual deles, não deixa explícito que Michaelis tem ejaculação precoce, e o próprio não tem noção disso. Como Clifford está invalido, e por conseqüência não pode satisfazer a esposa, esse primeiro amante vai funcionar como um prostituto: *o exutório de uma sexualidade vigorosamente reprimida*⁴²; com ele o prazer foi decerto turvo, mas intenso⁴³. Ela por um curto momento pensou estar apaixonado por ele, mas foi um sentimento passageiro, já pressentia que esse relacionamento não ia longe.

O próprio pai de Lady Chatterley, tinha alertado-a e também a seu genro, de que ela deveria arrumar um amante para satisfazer seu apetite sexual, afinal Connie não havia sido criada em meio a opressão de seus desejos e nem poderia conte-los para sempre. *Estava presa a Clifford, que lhe tomava uma grande parte da vida. Entretanto, também pedia uma parte da vida de um homem, coisa que Clifford não lhe dava nem podia dar-lhe*⁴⁴. Isso significa que *nada pode, nunca enquadrar as pulsões sexuais, pois o corpo sempre reclama a sua parte*⁴⁵. Nesse primeiro relacionamento ilegítimo, Connie segue a regra da mulher adúltera, que trai o marido com um homem do seu meio social⁴⁶, embora o dramaturgo não seja visto com bons olhos pelos homens da classe dos Clifford, e ele próprio se sentia inferior, *Michaelis era todo ressentimento e rancor, o que não escapava aos olhos advertidos dos gentlemen que timbram em não deixar transparecer seus sentimentos*⁴⁷, com modos de rabo entre as pernas⁴⁸.

Com o fim desse relacionamento, Constance volta a sua infelicidade, até que Clifford lhe propõe que consiga um amante para si, e que também engravide para que possa dar

⁴¹ Idem. pag. 29.

⁴² MUCHEMBLED, Robert. **O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias**. Tradução Monica Stahel. São Paulo: wmfmartinsfontes, 2007. Pag. 243.

⁴³ Idem. pag.228.

⁴⁴ LAWRENCE, D.H. **O Amante de Lady Chatterley**. Tradução de Jorge Luis Penha. São Paulo: Martin Claret, 2006. pag. 50.

⁴⁵ MUCHEMBLED, Robert. **O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias**. Tradução Monica Stahel. São Paulo: wmfmartinsfontes, 2007. pag. 213.

⁴⁶ CORBIN, Alain. *Bastidores*. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra** – vol. 4. Tradução de Denise Bottman e Bernardo Joffily. São Paulo: Cia das Letras, 2009. pag. 520.

⁴⁷ LAWRENCE, D.H. **O Amante de Lady Chatterley**. Tradução de Jorge Luis Penha. São Paulo: Martin Claret, 2006. pag. 41.

⁴⁸ Idem.

continuidade a linhagem. Connie fica estupefata com a proposta dele, ele faz uma destacável declaração sobre isso:

Mas que significam ligações de momento, sobretudo as sexuais? Se ridiculamente não as exagerássemos, ficariam naturais como o simples acasalamento dos pássaros. Que importância tem? O que importa é a longa união durante toda uma vida; é a vida comum, de todos os dias e não o leito em comum de algumas noites. Haja o que houver, você e eu somos casados. Temos o hábito um do outro. E o hábito, a meu ver, é de uma importância mais vital de que qualquer excitação passageira. A coisa longa, lenta, durável, eis o que faz a nossa vida – e não ocasionais espasmos.⁴⁹

Por meio desse discurso, Clifford legitima e da razão à vida de duplicidade sexual, que a esposa viria a levar, colocando a relação extra-conjugal como passageira e enaltecendo o casamento como relação duradora que se fortalece da intimidade de um com o outro. O hábito de se conhecerem além do leito, é o que torna a relação matrimonial mais forte, até porque

No relacionamento puro, a confiança não tem apoios externos e tem de ser desenvolvida tendo-se com base a intimidade. Confiar é ter fé no outro e também na capacidade de laço mútuo para resisitir a traumas futuros. Isso é mais que uma questão apenas de boa fé, por mais problemático que isso possa ser. Confiar no outro é também apostar na capacidade do indivíduo realmente poder agir com integridade.⁵⁰

Algo que se não pode negar é a união do casal Clifford até esse momento. Após o acidente do marido, Connie se dedica integralmente a ele e a seu projeto de se tornar escritor (e acredita que possa sê-lo até dado momento), e inicialmente opta pela castidade em respeito a ele. Da mesma maneira, Sir Clifford está apostando na capacidade de sua esposa de agir com integridade em relação a sua vida dupla sexual.

Outro ponto a ser discutido o é a questão dos filhos ilegítimos, os nascidos fora da união matrimonial, ao qual Sir Chartteley pede a sua esposa. Segundo Peter Stearns, os filhos ilegítimos constituíam uma ameaça a sociedade vitoriana:

(...) já era suficientemente desastroso que as classes inferiores pusessem no mundo uma infinidade de filhos ilegítimos; a possibilidade de que um desses bastardos manchasse a respeitabilidade de uma honrada família de homens de negócios ou de profissionais liberais era terrível demais para ser contemplada.⁵¹

Stearns ainda atesta que no final do século XIX, histórias e pinturas ilustram a desonra que abatia uma família quando uma filha engravidava fora do matrimônio, que ocasionava a

⁴⁹ Idem. pag. 63.

⁵⁰ GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas Sociedades Modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1993. pag.153.

⁵¹ STEARNS, Peter N. **História da Sexualidade**. Tradução Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010. pag.156 -157.



expulsão da depravada de casa ⁵². O horror do escândalo, o suscitava a isso. Connie sentiu esse desespero quando ficou grávida do seu segundo amante: Mellors, o guarda-caças da sua propriedade, e teve que viajar para que o escândalo não se proliferasse e o marido descobrisse que estava grávida de um “plebeu”.

A relação de Mellors e Connie é bem mais intensa, do que com Michaelis. Ela realmente se apaixona por ele e vice-versa. E esse relacionamento reserva as mais descritivas cenas de relacionamentos sexuais da obra:

- Ah, como é bom apalpá-la! – disse lhe ele acariciando-lhe com as mãos a pele delicada, quente, secreta, da cintura e das ancas. Baixando a cabeça, esfregou o rosto em seu ventre e nas coxas, insistente. E, ainda uma vez, Constance espantou-se dessa espécie de arrebatamento que o empolgava. Não percebia a beleza que aquele homem achava nela ao tocar o seu corpo nu. Só a paixão compreende isso. Quando está morta a paixão ou não existe, o magnífico choque que a beleza produz, torna-se incompreensível – e até um tanto desprezível. Constance sentia nas coxas, no ventre, nas nádegas a doce esfregação do rosto daquele homem, a aspereza dos seus bigodes; e seus joelhos puseram-se a tremer. Longe, muito longe, no fundo de si mesma, ela sentiu palpitar qualquer coisa de novo, como o emergir duma beleza nova. E quase teve medo. Quase não desejou que a acariciasse assim. Sentia-se empolgada, agarrada. E, entretanto esperava, esperava. E quando ele a penetrou, num deleite de pura paz, continuou a esperar. Sentia-se como posta de lado - e em parte por culpa sua. Sempre quis a separação do gozo - e talvez agora estivesse condenada a isso... E permaneceu imóvel, sentido os movimentos do macho dentro de si, a concentração e, depois, o súbito espasmo que a inundou de sêmen. Depois, a lenta quebreira. (...) ⁵³

Logo após o ato, Constance não fez com Mellors o que fazia com Michaelis, não procurou a sua satisfação sexual. Algo havia mudado nela, algo lhe foi despertado, tanto as sensações as quais sentiu no momento do toque dele a fizeram tremer, algo que não acontecia com Michaelis. As caricias do guarda-caças parecem tê-la feito redescobrir seu corpo, seu desejo, o seu próprio erotismo. No decorrer do relacionamento, ela se apaixona por ele, e também engravida, como já foi referido, e se afasta por um tempo de Wragby, sob o pretexto de engravidar de um amante para dar um herdeiro a Sir Chatterley, que muito bem concorda com a sua ausência, e também por conta dos boatos espalhados pela enfermeira Mrs Bolton de que ela poderia estar grávida e a criança não ser de Clifford.

⁵² Idem.

⁵³ LAWRENCE, D.H. **O Amante de Lady Chatterley**. Tradução de Jorge Luis Penha. São Paulo: Martin Claret, 2006. pag. 137 -138.





O egoísmo do marido a faz pedir o divórcio, ai revelar que o filho a qual ela espera é de um pebleu, Clifford fica verdadeiramente horrorizado, e começa a demonstrar todo o seu vitorianismo:

- Lama! Aquele vagabundo pretensioso! Aquele miserável! Dizer que minha mulher teve relações com ele quando era meu criado! Meu Deus, meu Deus, será que não tem fundo a ignóbil baixaza das mulheres?

(...)

- É como eu sempre a imaginei: uma criatura anormal. Não passa de uma dessas mulheres pervertidas e meio loucas que não resistem à tentação de correr atrás do depravado. Que têm a nostalgia da lama.⁵⁴

Por essas passagens observa-se que ele subitamente assume os valores da moralidade vitoriana. Via nela a encarnação do mal, enquanto ele personificava o bem. Nesse relato observa-se em concordância a afirmação de Stearns, de que a divisão de classes se baseava em padrões sexuais⁵⁵: o pobre era malvisto por conta da sua frouxidão moral, era um “depravado”. Clifford também designa Connie de anormal, pois ela não ter administrado os seus impulsos, por não ter que buscar seu prazer com alguém que não é da sua classe, a “nostalgia da lama”. Por ela não ter mantida a mascara da esposa virtuosa e ter assumido a caricatura da puta libidinosa⁵⁶, por ser uma adúltera descuidada por não ter administrado seus sentimento e se apaixonado por um homem desqualificado.

É exatamente isso que Lawrence passa na sua obra. Não foi simplesmente o sexo que separou o casal Chatterley, foi simplesmente a falta de companheirismo de Clifford, que se fechou num mundo só dele, só se valendo dos seus próprios interesses, como se a vida em conjugue se limitasse apenas em aparências sociais. O leito no *O Amante de Lady Chatterley*, vai trazer algo além da relação sexual, ou a pura satisfação do prazer. Valendo-se da opinião de Perrot

O leito abriga o que há de mais secreto no sexo e no coração. Não admira que ele nos escape, quando ao mistério da mais profunda intimidade se somam a opacidade do tempo e o mutismo dos atores e de seus descendentes. Um oceano de silencio envolve o essencial da vida: a concepção dos seres que quase sempre ignoram o acaso o acaso ou o desejo a que devem seu nascimento, sem que se possa traçar uma oposição radical entre ambos.⁵⁷

⁵⁴ Idem. pags. 295-296.

⁵⁵ STEARNS, Peter N. **História da Sexualidade**. Tradução Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010. pag.163,

⁵⁶ MUCHEMBLED, Robert. **O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias**. Tradução Monica Stahel. São Paulo: wmfmartinsfontes, 2007. Pag. 228.

⁵⁷ PERROT, Michelle e MARTIN-FURGIER, Anne. Os Atores. In:ARRIES, Philippe e DUBY, Georges (dir.). **História da Vida Privada. Vol. 4 – da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das letras, 2009. pag. 136.





Assim, não é a toa que apesar da pretensa moralidade burguesa, o erotismo caminhe ao lado da repressão, que mesmo dominando os discursos acerca da sexualidade não conseguiu interromper um fluxo literário e artístico que se valesse de disfarces, tão bem elaborados, que não apenas permearam a intimidade e como também estabeleceram uma crítica acerca dos parâmetros sociais da época a qual está relacionada, como fez Lawrence. Tais discursos não se construíram em base apenas ao desnudamento do corpo, mas numa minuciosa exploração do *pormenor sexual*⁵⁸, percorrendo ao que havia de mais secreto nas relações humanas: os desejos.

Referências

BRANCO, Lucia Castello. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CORBIN, Alain. *Bastidores*. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra** – vol. 4. Tradução de Denise Bottman e Bernardo Joffily. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: A Paixão Terna**. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Cia das Letras, 1988-1990.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas Sociedades Modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

LAWRENCE, D.H. **O Amante de Lady Chatterley**. Tradução de Jorge Luis Penha. São Paulo: Martin Claret, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX**. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MUCHEMBLED, Robert. **O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias**. Tradução Monica Stahel. São Paulo: wmfmartinsfontes, 2007.

SILVA & SILVA. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

STEARNS, Peter N. **História da Sexualidade**. Tradução Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010.

NEPOMUCENO, Luís André & RAMOS, Edilene Ferreira. **Literatura e Psicanálise: a sensibilidade burguesa na Inglaterra modernista**. Disponível em: http://www.unipam.edu.br/perquirere/images/stories/2010/Literatura_e_Psicanalise.pdf

⁵⁸ Idem.

